

# Sarney rompe silêncio

23 NOV 1991

*Ex-presidente critica o governo e lembra "tempo de liberdade"*

*Christiane Samarco e Artur Pereira*

**B**RASÍLIA — O ex-presidente José Sarney revelou ontem que o Brasil assinará acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) até o dia 16 de dezembro próximo. Senador pelo PMDB do Amapá, Sarney recebeu esta garantia de executivos norte-americanos, com quem almoçou em Washington, na semana passada. De volta ao país, em um jantar descontraído na noite de quinta-feira, na casa de sua filha, a deputada Roseana Sarney (PFL-MA), o ex-presidente se permitiu fazer críticas ao governo Collor, defendeu sua gestão e lembrou que, na sua época, as reservas líquidas somavam US\$ 7 bilhões. "Isto, sem contar as moedas podres, caso das polonetas que, se computadas, totalizariam uma reserva de US\$ 13,14 bilhões", ressaltou Sarney, que afirma que os números atuais giram em torno dos US\$ 6,5 bilhões. "Ajudaram o presidente Menem a recuperar a economia argentina e agora ajudarão o Brasil", comentou.

Bem-humorado e protegido pela informalidade do ambiente, em que os únicos políticos presentes eram o deputado César Maia (PMDB-RJ) e o velho amigo e senador Alexandre Costa (PFL-MA), Sarney lembrou que nos tempos de presidência e de crise econômica chegara a consultar Maia, na época muito ligado ao governador Leonel Brizola. "Ele me fez avaliações que levei em conta", contou, destacando logo em seguida que, no seu tempo, os critérios para medir a inflação eram outros. "Naquele final, a inflação chegou a 85% ao mês por decisão minha, para facilitar o novo governo", destacou, lembrando sua decisão de poupar o presidente Fernando Collor e fazer ele próprio o *tarifaço* (correção global das tarifas públicas). E como os salários eram indexados, argumentou que a perda real para o trabalhador limitava-se, na verdade, à diferença entre o índice da inflação e o da correção dos salários.

**Críticas** — No bate-papo informal, Sarney permitiu-se fazer a primeira avaliação crítica do atual governo, rompendo o silêncio a que se impôs desde que Collor o substituiu no Palácio do Planalto, há um ano e meio. Restringiu-se porém, a uma análise da condução da política externa. "O gover-

no Collor cometeu um grave erro quando apresentou-se a dizer que queria se sentar à mesa com o Primeiro Mundo. Isto é bobagem", sentenciou, para concluir em seguida: "Para sentar lá, é preciso ter fichas e o Brasil não as tem."

As conseqüências dessa tentativa de incursão ao Primeiro Mundo foi desastrosa na opinião do ex-presidente. "O Brasil acabou se distanciando da política que eu vinha fazendo de aproximação com os nossos aliados tradicionais, que são os latinos. Não ganhou lá e perdeu o que já tínhamos conquistado", comentou. Lembrou, então, um artigo que ele mesmo ajudou a redigir na nova Constituição, considerando a América Latina como um bloco de nações. "É isto que está escrito lá e fizeram o contrário", concluiu.

O resultado desta nova política, segundo Sarney, é que hoje o Brasil não fala mais pela América Latina. "Na nossa frente estão a Argentina, o México, a Venezuela e até o Chile." E para comprovar que esta história de Primeiro Mundo é mesmo complicada, lembrou uma indagação que ouvira certa vez do ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger. "O que vocês querem? Ser um grande Japão ou um Japão grande?" Para o ex-presidente, além de os Estados Unidos temerem nossa dimensão continental, há o problema de o Brasil ser visto lá fora sob dois enfoques, ambos negativos: o narcotráfico e o meio ambiente.

**Delicadeza** — Para quem considera que seu governo foi um fracasso, Sarney argumenta que "a história dirá que foi um tempo de liberdades". Queixou-se da falta de apoio político durante sua gestão, quando vários parlamentares julgaram-no fraco na condução do processo de transição. E lembrou o comentário de um velho amigo, logo que deixou o Planalto. "O senhor governou com delicadeza", disse-lhe o amigo. "Governei mesmo", reconheceu Sarney. "Nesse negócio de dar murro em mesa, ou o sujeito quebra a mão, ou a mesa. Só o Congresso viabiliza o governo, porque representa a sociedade", afirmou o ex-presidente.

O senador garante que hoje, nos locais mais distantes do país, as pessoas aprenderam a se organizar, descobriram a cidadania e os direitos que conquistaram durante seu governo, fatos que, a seu ver, a história tratará de registrar. Mas além do "porre de democracia" que tomou conta do país na sua gestão, Sarney faz questão de registrar que durante os cinco anos em que esteve no comando da nação, o Brasil cresceu 25%, o que é a média histórica. "Isto é modernidade", concluiu sereno.